

DESAFIOS DE UMA ESPIRITUALIDADE TRINITÁRIA

- *Reconhecer que a Trindade é um ser social ou de comunhão e que tudo quanto procede dEla tem estrutura e função exclusivamente sociais.*
- *Fazer convergir e harmonizar tudo quanto na humanidade é positivo e válido em vista de realizarmos aqui e agora o Reino de Deus.*
- *Assumir que a prática da comunhão dos bens é caminho indispensável para voltarmos à família da Trindade que nos enviou.*
- *Eis os desafios que uma espiritualidade trinitária nos convida a considerar e enfrentar sem demora.*

O tema que queremos tratar faz parte em primeiro lugar, daquilo que já sabemos a respeito da SS.ma Trindade. A Família Celeste -Pai, Filho e Espírito Santo- tem uma vida de comunhão ao máximo grau possível. E é desta vida de comunhão que tem origem todas as coisas: o universo, o mundo, a humanidade, a missão, a Igreja, o Reino. O amor que existe entre as três divinas pessoas é tão grande e explosivo que transborda os limites do círculo trinitário, cria tudo quanto existe e vai à procura de toda a realidade criada para que passe a fazer parte da família divina no Reino definitivo.

Vamos então falar um pouco entorno da SS.ma Trindade, partindo daquilo que já sabemos ou deveríamos saber.

A TRINDADE DE CADA DIA

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. O sinal da cruz é pronunciado milhões e milhões de vezes a cada dia. O que é que se quer dizer com estas conhecidíssimas palavras? Se quer dizer: na força, na graça, na proteção, na intenção da SS.ma Trindade... queremos celebrar uma festa, consumir um banquete fraterno, realizar uma obra, iniciar uma caminhada... Com o

apoio da SS.ma Trindade, com a corrente de amor que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, queremos unir a Igreja, queremos convocar o povo cristão para que realize o Reino de justiça, o Reino em que não haverá mais diferenças, desigualdades, nem castigos, nem sofrimento, nem choro. Queremos que a Trindade esteja ao nosso lado, queremos que o Céu esteja aqui na terra conosco para que a terra se torne filial do céu, para que a terra se torne a praia, o lugar de férias dos cidadãos do céu.

“Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Aqui tem algo mais. A gente não se contenta em invocar ou desejar. Quem batiza está cumprindo uma obra, está dando vida a uma nova realidade. O batismo é de fato um novo nascimento, é receber uma nova natureza e, com ela, um novo destino. O batismo é assumir um novo programa de vida e, com isso, um novo horizonte, uma meta totalmente imprevista e inimaginável. Vou tentar uma tradução daquelas simples e sacrossantas palavras: *“Eu te mergulho no sistema de vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo”* Eu te entrego a uma nova maneira de viver, ao modo de viver da SS.ma Trindade que é comunhão, que é partilhar tudo ao 100%, que é enriquecimento sem fim, que é transbordar de sensibilidade, de amor e doação de si mesmos, que é transformação, sonho, transfiguração. Eu te mando viver a vida dos primeiros cristãos que tinham tudo em comum, eu te mando experimentar desde agora a vivência que será a lei do Reino de Deus definitivo.

“Venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”. Com estas palavras, que são pronunciadas a cada hora por famílias, por comunidades, por Igrejas, por países e continentes, nós pedimos que se verifique aquilo que nos foi prometido no batismo. Pedimos que os governos desta terra –os de Fernando Henrique, os de Bush, de Lula, de Sarkhozy, de Jader e da Arábia Saudita- sejam despejados e suprimidos a fim de que deixem o lugar ao Reino de Deus e da SS.ma Trindade, àquele Reino que é justiça, fraternidade e igualdade. Os governos dos povos e das nações

são normalmente o avesso do governo de Deus que pedimos. Pelo *Pai Nosso*, pedimos que as pessoas divinas da Trindade sejam o nosso parlamento, os nossos legisladores, os nossos ministros da justiça e da paz. Pedimos que não haja mais guerras, bombas e capitalismo. Pedimos que as divinas pessoas estejam no nosso meio, nas nossas casas e nas comunidades. Ao tempo de Jesus, Deus parecia estar com os templos, com os sumos sacerdotes e com os imperadores. Por isso Deus, pela boca do arcanjo Gabriel, dizia à Maria e ao povo: “Vos mandarei um Emanuel, um Deus que esteja em vosso meio” e não nos palácios dos faraós egípcios ou dos sátrapos de Babilônia. É tudo quanto pedimos com o *Pai Nosso*.

“Gloria ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. O que quer dizer dar glória as três divinas pessoas? Não quer dizer cantar ou gritar, não quer dizer oferecer incensos e tecer louvores intermináveis, não quer dizer ensinar músicas e danças a executar durante a liturgia, não quer dizer fazer procissões e peregrinações com cortejos, bandeiras e luzes cintilantes, mas quer dizer fazer as obras boas, fazer as obras do Pai e de Jesus que são: libertar os presos, curar os doentes, levantar os estropiados, devolver a vista aos cegos e o ouvido aos surdos, instruir os analfabetos e ludibriados, abrigar os sem teto, esfomear os famintos, empregar os desempregados e ressuscitar os mortos. *“Fazei com que os povos vejam as vossas boas obras e, por causa disso, dêem glória ao vosso Pai que está no Céu”*. Palavras de Jesus. Minha gente, glorificar a SS.ma Trindade é ter os pés no chão, é analisar e conhecer a realidade, é enfrentar e contornar os problemas, é sermos corajosos e teimosos até carregar a cruz, até gritar: *“Meu deus, meu Deus, por que me abandonaste?”* Minha gente, glorificar as três divinas pessoas é a mesma coisa que melhorar e embelezar esta terra, é fazer com que esta terra volte a ser o paraíso terrestre, o lugar em que Deus passeia e se deixa acariciar pela brisa marajoara.

UM POUCO DE DOCTRINA TRINITÁRIA

Mas quem são, a final das contas, as três divinas pessoas? Como elas se distinguem? Como elas se harmonizam e se unificam até serem uma coisa só? As respostas que podemos dar a estes interrogativos são várias, embora insuficientes, vagas, tímidas, não satisfatórias. São como as neblinas que, enquanto nos asseguram que atrás delas tem as montanhas fantásticas e grandiosas, ao mesmo tempo as escondem e deixam que as possamos somente imaginar. Entre estas respostas, uma das mais belas que se conhecem foi dada pelo poeta e teólogo siríaco do século IV: s. Efrem. O Pai é o sol, o Filho é o calor, o Espírito Santo é a luz. Eis três realidades numa só realidade. Eis três raios numa só trovoadas, eis três abismos de clareza numa escuridão imensa, três estrelas fascinantes numa noite desmedida e sem fim. E notemos bem: as estrelas são belas e fascinantes quando aparecem na escuridão ou, mais precisamente, pelo fato de aparecerem na escuridão. As três pessoas são divinas e encantadoras na medida em que são misteriosas e traçam desígnios misteriosos a nosso respeito, na medida em que projetam a nossa inserção na eternidade da divindade, na medida em que preparam e realizam a nossa felicidade sem fim.

Uma outra imagem da Trindade nos é oferecida por um ato de imaginação extremamente simples: o Pai é a cabeça, o Filho e o Espírito Santo são os seus braços. Uma imagem simplória, se queremos, mas que nos revela algo do mistério de Deus. Nos revela que a SS.ma Trindade é fonte de atividade, que o Ser que nunca começou e nunca acaba não é nada de ponto firme e intocável, não é nada de imobilidade soberana. Somos acostumados a imaginar a Trindade como algo a contemplar sentado no trono. Associamos a idéia de Trindade ao paraíso, ao céu, à eternidade. É hora de sairmos desta visão restrita e pobre. A Trindade è ativa, criadora e em perpétuo movimento. Na Trindade o ser coincide com o agir, com o operar. O sonho

coincide com a realidade, o presente com o futuro, a meta final com o começo. Querendo dar alguma indicação sobre o trabalho incessante das três divinas pessoas, podemos pensar que a criação e a história são obras do Pai, a libertação e salvação são obras do Filho, a realização do Reino é programa e empenho do Espírito Santo. As três projeções procedem contemporaneamente.

Tentando esclarecer mais os três grupos de tarefas atribuídos às três divinas pessoas e lembrando, ao mesmo tempo, as intuições de S. Efrem Siro, podemos afirmar que o Pai foi engenheiro dos mundos sem fim e sem medida que compõem o universo em continua expansão. Quanta matéria! Qual será o seu significado? Com certeza não se trata de algo a ser contraposto a Deus. O nosso medo do materialismo é sempre honesto, é sempre respeitoso da criação de Deus? O Pai foi, em seguida, engenheiro da humanidade, das raças, culturas e religiões, foi a fonte das ciências e da tecnologia. O que hoje é ciência e tecnologia procede da natureza e das leis que o Pai do Céu lhe deu.

As ciências são, antes de qualquer coisa, a revelação daquilo que Deus fez, da rede de princípios, forças e engrenagens que Deus criou para que governassem o universo. As viagens interplanetárias, a humanização de astros e estrelas, os milagres anunciados das células-tronco e a abolição do tempo e do espaço operada pelo internet, tudo isso e muito mais foi previsto pelo criador, foi sonhado e estruturado por ele em função de tornar possível e suscitar a caminhada da humanidade. Uma caminhada começada na noite dos tempos e hoje cada vez mais clara, fascinante e envolvente em direção ao Reino definitivo.

Sobre a plataforma realizada pelo Pai e destinada a fundamentar a evolução do universo, o Filho veio cumprir uma certa obra de recuperação e correção. Mas se entenda bem. Não era a obra do Pai que devia ser recuperada e corrigida, mas situações humanas devidas a abusos de liberdade e espontaneidade. Para que pudesse responder por amor ao Pai

que a tinha criado, por exuberância de amor, a humanidade devia ser livre, devia ser capaz de escolher entre o bem e o mal e, então, entre a tendência a fazer tanto o bem quanto a mal. Numa palavra, Jesus não veio corrigir a criação do Pai mas a oferecer aos homens uma ajuda extra em luz e força de vontade (=graça) para que, sem perder a liberdade, tivesse maior condição de escolher o bem e assumir sem mais demoras o projeto do Reino de Deus, do Reino da SS.ma Trindade. Jesus não veio endireitar o projeto do Pai, mas veio tornar capazes deste projeto todos os irmãos e irmãs que tinham perdido sua liberdade e criatividade sob os golpes da dominação e exploração exercitadas por certos indivíduos ou grupos em nome de uma liberdade excessiva e abusiva ou em vista do reino de Satanás. O que mais deve ficar claro para nós: Jesus não veio somente para nos salvar, para nos colocar no caminho certo. Jesus veio antes de tudo e sobretudo para nos dizer e explicar como se realiza o Reino do Pai. Nos deu as regras do Reino, as suas constituições. Nos ensinou, como ponto de partida do reino, tanto a comunhão dos bens da natureza -sol, água, ar, vegetação, bichos, minerais, comida, remédios, espaços...- quanto o proveito igualitário dos bens criados pelo próprio homem por meio das culturas, da sabedoria, das artes e das ciências. Nos ensinou que devemos realizar o Reino de Deus não somente com os sacramentos e o mandamento do amor, com as forças próprias da Igreja e das religiões, mas também com todos os outros bens a nossa disposição: os já ditos acima com a colaboração de todas as profissões humanas. Não é só o padre a fazer o Reino, mas qualquer trabalhador, qualquer mestre, qualquer profissional, qualquer cientista, qualquer artista, qualquer político, qualquer economista, qualquer pai de família, qualquer mãe de família, qualquer mulher, qualquer esportista, qualquer pessoa que participe da convivência humana.

Ao Espírito Santo, que por natureza é fogo, destruição, renovação e transfiguração, cabe inspirar e acompanhar, à

maneira de Jesus, a realização do Reino. Cabe acompanhar o caminho das religiões e das culturas, o caminho e os produtos da inteligência, ciência e tecnologia. Ao Espírito Santo cabe fazer concordar e crescer lado a lado as religiões da humanidade, cabe fazer com que as religiões interfiram entre si e desenvolvam todas as suas potencialidades. Por aí se encontram a respeito do Espírito Santo informações e referências pouco corretas ou pouco bíblicas. O Espírito Santo visto como consolo, refrigério, repouso, contemplação, esposo da alma, suspiro e tranqüilidade estática tem pouco a dizer com aquilo que viemos saber da Bíblia e da conduta da Igreja dos primeiros séculos. Na Bíblia e na Igreja dos primeiros séculos o Espírito Santo era muito mais que isso. No Novo Testamento o Espírito guia Jesus a tomar as decisões que irão determinar a sua conduta e a sua vida. O Espírito Santo leva Jesus a enfrentar os adversários do Reino do Pai. É o Espírito Santo a meter Jesus contra o templo, contra sacerdotes e doutores, contra fariseus e romanos, contra um sistema de vida sócio-religioso que em vez de servir a Deus e ao seu povo, serve à cobiça, à dominação e interesses gerais das classes dominantes. É pouco correto afirmar que Jesus morreu pela nossa salvação. Pelo menos precisaria explicar que morreu pela nossa salvação no sentido de que morreu para salvar o projeto do Pai e, em consequência disso, para que todos nós pudéssemos fazer parte do seu Reino definitivo. Mandado a guiar Jesus em todos os seus propósitos e movimentos, após a ressurreição e ascensão dele, o Espírito Santo se mete a dirigir a Igreja que é corpo e continuação de Jesus na terra. Mas notemos bem, se mete a dirigir a Igreja como um todo, o que quer dizer que se mete a dirigir cada componente da Igreja, cada batizado, cada homem, cada mulher e não somente presbíteros, bispos e diáconos. É impressionante constatar que na Igreja primitiva, especialmente nas comunidades da Ásia e da Grécia, é o Espírito Santo a decidir tudo no sentido de que se espera do Espírito Santo qualquer resposta. Mas se note bem, se espera de qualquer um dos membros da comunidade as respostas que o

Espírito Santo podia transmitir. As pessoas que revelavam ter um qualquer dom que se pudesse utilizar pelo bem da comunidade passavam a ser consideradas como intermediárias entre o Espírito Santo e a Igreja, recebendo da comunidade reunida os encargos relacionados com os dons que as qualificavam. Numa palavra, na Igreja não se agia e não se caminhava em base a decisões da autoridade, mas em base à clareza com que o Espírito Santo manifestava de estar presente nas pessoas para autorizá-las. O Evangelho de João, redigido por uma comunidade carismática, è quase a cada pagina testemunho desta maneira de proceder em base a primazia do Espírito Santo e dos irmãos e irmãs que manifestavam de serem guiados por Ele.

A SS.MA TRINDADE E O SOCIAL

É triste dever reconhecer que entre os cristãos da nossa época, após dois mil anos de cristianismo, não se encontre uma visão correta a respeito da dimensão social da vivência cristã. Desde que me encontro na comunidade de Nossa Senhora de Guadalupe em que, com freqüência e constância, falo da vida cristã e das implicações sociais que ela presume, o melhor comentário que ouço dizer entorno disso é: “O nosso padre gosta do social”. Como se a problemática social fosse questão de gosto ou de preferência e não de substância ou essência. Como se a problemática social devesse ser tratada por razões históricas ou de conveniência, em consonância com tempos e situações e não por razões teológicas e de fé. É desvio grave e alarmante ver que entre os vários formas de atividade pastoral está aparecendo por aí a pastoral social, junto com outras dezessete ou vinte iniciativas pastorais. Como se a pastoral social fosse algo de livre, facultativo ou accidental. Como se a dimensão social da vida cristã fosse embelezamento, curiosidade ou toque artístico do conjunto. Queridos irmãos e irmãs, eu gostaria declarar a vocês desde agora que o social não

é uma qualidade do cristianismo, não é um seu aspecto voluntário ou acessório, mas é a sua raiz, a sua fundamental razão de ser, a sua força determinante, o seu princípio e o seu horizonte final. O cristianismo é uma realidade social na sua origem, no modelo do seu desenvolvimento, na história da sua afirmação e expansão, na previsão daquilo que será o seu estabelecimento definitivo e eterno. O cristianismo ou é social ou não é emanção do Jesus Cristo da revelação bíblica. As Igrejas, as paróquias, as dioceses, as ordens religiosas ou são fundadas e vivem no social ou não são organizações cristã, ou não são algo que se relaciona com Deus e conduz a Deus e tudo isso por causa da SS.ma Trindade, e tudo isso a partir daquela realidade imponente e inacessível que é a SS.ma Trindade.

Mas, em que sentido a SS.ma Trindade tem a ver com o social? Para responder bastaria dizer que, se Deus é amor, Deus é relacionamento, Deus é convivência, Deus é encontro, Deus é abraço, Deus é social. Mas, por que podemos dizer que Deus é amor, por que podemos afirmar que Deus é família, que Deus é comunidade? Por uma razão só, isto é porque Deus é três pessoas, porque Deus é Trindade. Se Deus fosse uma só pessoa, se deus fosse um só princípio, se Deus fosse uma só coisa, e não existisse nada além desta coisa só, Deus seria uma montanha de gelo, deus seria uma pedra solitária, Deus não teria relações, Deus não poderia amar ninguém, Deus não poderia nem criar nem projetar uma qualquer coisa. Mas pelo fato de que Deus é uma unidade em três pessoas, pelo fato de que Deus é família, comunidade e comunhão, Deus cria o universo, Deus cria a humanidade, Deus projeta aquele Reino que será a máxima expressão do seu amor superabundante.

As coisas podem ter acontecido da seguinte maneira. O Pai amando o Filho e o Espírito Santo, o Filho amando o Pai e o Espírito Santo, o Espírito Santo amando o Pai e o Filho se enriquecem indefinidamente, se enriquecem e multiplicam sua riqueza de amor até não poder mais englobá-las e sentir a necessidade de extrapolar o círculo trinitário e dirigir seu amor

para fora da família trinitária. Desta extrapolação, deste salto para fora do círculo trinitário viria a criação do universo e da humanidade da parte do Pai, o envio e encarnação do Filho com a sua obra de libertação e redenção, o encargo dado ao Espírito Santo de assumir o operado do Pai e do Filho e levar a humanidade a tomar seu lugar na pessoa do Filho e assim fazer parte da augusta família trinitária. Numa palavra, o amor infinito de Deus não podia ficar em Deus mas devia se voltar para outros seres. Devia procurar quem pudesse acolher e apropriar-se de tal amor, concedendo-lhe o direito de fazer parte da divina Trindade e gozar duma felicidade sem fim e sem tamanho. Em todo este movimento, em todo este caminho que vai da história para a eternidade, o social é algo de accidental e acessório ou algo de fundamental e indispensável? Se o social vem da capacidade de se relacionar e de amar, a história do amor da SS.ma Trindade é causa e efeito de tudo quanto é cristão e, ao mesmo tempo de tudo quanto é social. Concluindo: o social e o cristão vem de Deus e são a mesma coisa. Se Deus é amor, Deus e o social concordam perfeitamente no começo, no meio e no fim da questão.

Savino Mombelli (em

12.04.08).